**Não dá nada!**

Professora novata, cheia de ideias e planos, começou sua primeira semana num colégio de periferia. Acreditava que, ainda como em seu tempo, os alunos respeitavam o professor e viam nos estudos uma forma de vencer na vida e conquistar um lugar de destaque na sociedade.

Porém para sua decepção nada era como antigamente. Os alunos não se sentiam estimulados com relação aos estudos, já que os jogadores de futebol, os cantores de pagode e de funk não necessitam de nenhuma formação acadêmica para ganharem fama e dinheiro - neste comentário não há preconceito, mas uma constatação de que os jovens sempre se espelham em seus ídolos. Além disso, os políticos corruptos aparecem constantemente na mídia exibindo suas mansões, seus carrões e servindo como mau exemplo a uma sociedade que, sem um parâmetro de boa moral e de bons costumes, deixa-se influenciar pela cultura ‘não dá nada’ que está cada vez mais difundida nesse país.

A professora trabalhou o gênero discursivo “Contrato Social”. Por ser um assunto de difícil entendimento, exigiu dos alunos participação e colaboração. Quando eles não correspondiam às suas expectativas, ela os alertava sobre os riscos das notas baixas, mas a única coisa que ouvia era algo que não conseguia entender: “Não dá nada, fessora!”.

Desenvolveu uma atividade que valeu a metade da nota do bimestre. Para isso eles elaboraram um contrato de casamento, cujas cláusulas foram produzidas de forma livre pelas equipes dos alunos.

Com a intenção de estimular seus alunos a um bom trabalho, prometeu terminar aquele bimestre em grande estilo. O melhor texto seria escolhido para encenar uma peça de teatro de uma cerimônia de casamento. Então a turma teve que escolher um casal de noivos, um juiz de paz, as testemunhas, os pais do noivo e da noiva.

Deixando alguns imprevistos de lado, tudo teria sido perfeito se não fosse a cultura ‘não dá nada’.

Os alunos prepararam um altar, os noivos foram vestidos a caráter, a noiva estava radiante, o juiz de paz posicionou-se de forma elegante, os pais dos noivos vestiram roupas sóbrias e fizeram maquiagens que os envelheceram.

Tinha bolo, refrigerante, sala de aula bem decorada, enfim, tudo indicava um final feliz, se não fosse a cultura ‘não dá nada’.

A encenação foi bonita e, ao mesmo tempo, divertida pela leitura das cláusulas do documento. Enquanto a professora tirava fotos, um aluno que não havia participado do trabalho, nem tampouco colaborado com as despesas, achou que tinha direito aos comes e bebes antes de qualquer um. Porém uma das alunas não gostou da atitude dele e o impediu de comer. Ele insistiu e resolveu tirar uma fatia do bolo. A aluna apressou-se em tirar a faca da mesa. Mas ele resolveu tirar um pedaço do bolo com a mão. Ela o avisou: “Não toque no bolo, senão te furo!”. Ele não lhe deu atenção e atacou o bolo. A aluna, rapidamente, acertou-lhe a mão com a faca. O sangue jorrou longe. O menino quis tomar-lhe a faca para revidar e começou um corre-corre em sala de aula. Quando a professora viu tudo aquilo entrou em desespero. A festa acabou com a presença da guarda escolar, boletim de ocorrência e duas suspensões.

No dia seguinte, conversando com a turma, a professora perguntou aos alunos o que eles achavam sobre a atitude dos dois colegas. Para sua surpresa, a maioria achava que a menina estava certa, já que o aluno não havia colaborado com nada. A professora disse-lhes que "violência gera violência", e que atitudes impensadas como aquela poderia ter acabado em tragédia. Só assim foi que a professora entendeu a cultura ‘não dá nada’, pois, um aluno falou: “a gente apronta, a direção chama os pai e até o conselho tutelar, falam um monte de coisa e depois manda nóis pra casa. Viu, fessora? Não dá nada!”**.**

**Léa Mattar Leister - 24/09/2010**